

PFL ganha em seis capitais com um turno, diz Maciel

CLÓVIS ROSSI
Enviado especial a Brasília

Encostado à porta de vidro que dá acesso ao plenário do Congresso constituinte, o senador Marco Maciel (PE), presidente nacional do PFL, não esconde a euforia: com o adiamento dos dois turnos para a partir de 1989, seu partido já canta vitória, sozinho ou coligado, em algumas das capitais brasileiras.

Maciel acha que o cenário já está definido em sua própria base eleitoral, Recife, onde o candidato pefelista é o deputado federal Joaquim Francisco. O senador acrescenta à lista Aracaju (SE), Maceió (AL), João Pessoa (PB), Florianópolis (SC) e Natal (RN).

A euforia do presidente pefelista pode ser prematura em alguns casos, mas ao menos em Recife e Florianópolis, ela está ancorada em

sólidos dados da realidade: na capital pernambucana, Joaquim Francisco obteve a preferência de 47% dos pesquisados pelo DataFolha há dez dias.

A divisão do voto esquerdista e centro-esquerdista, entre os candidatos do PDT e do PMDB, torna difícil reverter essa vantagem.

Em Florianópolis, o cenário é semelhante, com a única diferença de que o candidato favorito, o ex-governador Esperidião Amin, pertence ao PDS, coligado ao PFL.

Adversário forte

Já em Aracaju, o PT, principal adversário do candidato pefelista, não entrega os pontos tão facilmente. Paulo Delgado (MG), coordenador das campanhas municipais do PT, acha que o candidato petista, Marcelo Deda, muito bem situado nas pesquisas, é um dos raros nomes

do partido que não foi prejudicado pela eliminação do segundo turno.

Na capital sergipana, aliás, sequer havia certeza de que haveria segundo turno porque o eleitorado talvez não atingisse os 200 mil.

"Em Aracaju, o Marcelo Deda jogava no tudo ou nada. Ou ganhava no primeiro e no segundo turno ou não ganhava", diz Paulo Delgado.

Mais definições

Sem euforia, mas com a mesma segurança, Maciel já dá também como virtualmente vitoriosos os candidatos peemedebistas às Prefeituras de Goiânia (GO) e Manaus (AM). É outra previsão com sólido amparo no cenário até aqui aferido pelas pesquisas.

Em Manaus, Gilberto Mestrinho, do PMDB, leva tal vantagem que mesmo a realização do segundo turno dificilmente abalaria. Mas,

sem ele, é altamente improvável que seus adversários consigam desmanchar a diferença.

Em Goiânia, entretanto, o candidato do PMDB, Níon Albernaz, também deputado federal, prefere introduzir uma pitada de cautela, ainda que reconheça que a situação ficou mais favorável. "O eleitorado está sendo agredido pela inflação e pode querer se vingar em alguém no dia da eleição. De repente, esse alguém pode ser o PMDB", diz Níon Albernaz.

Outro grande favorito que tem a vida facilitada pelo turno único é o empresário Sahid Xerfan, candidato da coligação PTB-PFL-PDS ao governo do Estado. Xerfan tem a seu favor 51% das preferências na Pesquisa Folha, o mais baixo índice de rejeição e a mais alta taxa de definição do eleitorado.

Ainda assim, Maciel não inclui

Belém entre as capitais nas quais a eleição está definida. Ele teme o crescimento do candidato do governo, o deputado federal peemedebista Fernando Velasco.

O receio da ação governamental é também usado por Heráclito Fortes, candidato do PMDB à Prefeitura de Teresina (PI), para sentir-se favorecido pelo turno único. Heráclito, embora peemedebista, enfrenta o governador Alberto Silva, também do PMDB. "Enfrentar o peso do governo no segundo turno não seria nada fácil", diz Heráclito.

Mexidas no Rio

O adiamento do segundo turno provocou mexidas no tabuleiro eleitoral do Rio de Janeiro.

O deputado Artur da Távola (PSDB) está chamando todos os partidos de esquerda (PSB, PT e os PCs, entre outros) para um acordo.

"O eleitorado carioca não pode ser colocado diante da necessidade de escolher entre o populismo de es-

querda do Brizola e a direita", justifica Artur da Távola. Ele está se referindo, na prática, a Marcelo Alencar, candidato do PDT de Leonel Brizola, e Alvaro Valle, candidato do PL, até aqui favoritos na disputa eleitoral do Rio.

O deputado peesedebista não descarta a colaboração do governador Wellington Moreira Franco à essa sonhada frente de centro-esquerda. Como o candidato do PMDB, José Colagrossi, até agora não decolou, o governador, também do PMDB, pode ajudar a romper a polarização populismo/direita apontada por Artur da Távola. "Ele é um realista", supõe o deputado "tucano".

No extremo oposto à euforia de Maciel, o PT não esconde os danos eleitorais sofridos pelo adiamento do segundo turno. Paulo Delgado acha que a situação ficou complicada para o partido em cidades como Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS), Santos e Campinas, ambas em São Paulo.

Planalto vive 'sensação de alívio' com 1 turno

Do enviado especial a Brasília

O presidente José Sarney e alguns de seus principais conselheiros políticos vivem uma sensação de alívio — e até de contida alegria —, pelo fato do Congresso constituinte não ter aprovado a realização em dois turnos das eleições municipais deste ano. Sarney e seus colaboradores acham que o turno único reduz as perspectivas de um sucesso generalizado do PMDB, e que isso diminuirá o poder de pressão do partido junto à Presidência.

Sarney está sendo aconselhado por esses amigos a encarar uma eventual vitória do ex-governador Paulo Maluf, do PDS, à Prefeitura de São Paulo, como uma solução ainda melhor do que a vitória do candidato do PMDB, João Oswaldo Leiva. Por esse raciocínio, Maluf

jamais submeteria o presidente às pressões que o governador Orestes Quércia submete, e jamais teria adotado, no caso do mandato presidencial, o tipo de posição dúbia que o governador paulista adotou — dizendo ser favorável aos cinco anos e, ao mesmo tempo, observando que a vontade popular era pelos quatro.

Constituintes fiéis ao presidente e avaliações feitas no Gabinete Civil têm concluído que o turno único dará ao PMDB um máximo de três ou quatro prefeitos em cidades importantes. O caso do Rio é visto sob ótica semelhante à de São Paulo. Sarney tem sido instado a acreditar que é melhor ter como prefeito um político que seja claramente de oposição ao governo (no caso do Rio, um do PDT) do que um outro, como o atual governador Moreira Franco. (Roberto Lopes)

Quércia diz que turno único é um 'retrocesso'

Da Redação e das Sucursais

O governador Orestes Quércia disse ontem em São Paulo que a decisão do Congresso constituinte em estabelecer um único turno para as eleições municipais de novembro, representa um "retrocesso ou um não avanço político". Segundo o governador, a vitória do candidato do PMDB à Prefeitura de São Paulo, João Oswaldo Leiva, "do ponto de vista prático, ficou mais rápida e mais fácil".

"Eu não trabalhei. Derrubei" o segundo turno. Esta foi a resposta que o governador de Minas, Newton Cardoso deu ontem aos jornalistas que lhe perguntaram sobre seu trabalho na derrota do segundo turno para as eleições municipais. Segundo o governador, com a supressão do segundo turno "já está

ganha a eleição em Belo Horizonte pelo PMDB". O ministro da Justiça, Paulo Brossard, considerou a decisão um "casuismo".

O candidato à Prefeitura de Salvador pelo PMDB, Fernando José, 45, disse que a eleição em um ou dois turnos seria "indiferente" para sua vitória em novembro. O deputado Joaquim Francisco, 40, candidato em Recife pelo PFL, que votou por um turno no Congresso constituinte, considera que "um único turno legítima a eleição de um prefeito". Para o candidato à Prefeitura de Curitiba pelo PDT, deputado estadual Algaci Tulio, 47, a eleição em um turno favorece o PMDB. Sahid Xerfan, 47, pela coligação PTB-PDS-PFL, e Carlos Levy, 41, do PL, candidatos à Prefeitura de Belém, confiam na vitória com a nova determinação.